Letras

Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

n. 74

Letras, v. 35, n. 74, e95617, 2026 - DOI:10.5902/2176148595617 - ISSN 2176-1485
Submissão: 06/03/2026 Aprovação: 08/06/2026 Publicação: 04/11/2026

Artigos

*Perspectivas críticas para os estudos dos Quadrinhos*

# Um panorama sobre o desenvolvimento do campo de estudos sobre as histórias em quadrinhos

*An overview of the development of the field comics studies*

***Maria Clara da Silva Ramos Carneiro***[I*]
***Lucas Ferreira Vieira***[II]

**Resumo**: Apesar de cerca de sessenta anos em desenvolvimento, o campo da pesquisa sobre quadrinhos ainda parece em constante necessidade de validação. O presente artigo propõe um breve panorama sobre o desenvolvimento do campo dos estudos das histórias em quadrinho no Brasil. Partindo da ideia de campo científico em Bourdieu (Bourdieu, 1983; 2009; Carvalho, 2013), observamos a constituição de tradições da pesquisa, comparando-a com contextos já elaborados por Ameline (2009), Hatfield (2017), Christiansen e Magnussen (2000); Maigret e Stefanelli (2012).
**Palavras-chave**: Estudos dos quadrinhos; Pesquisa em quadrinhos; História dos quadrinhos

**Abstract**: Despite sixty years of its development, the research field of the comics seems still with a constant need of validation. This article proposes a brief overview of the development of comics studies in Brazil. Drawing on the concept of scientific field as proposed by Bourdieu (Bourdieu, 1983; 2009; Carvalho, 2013), we examine the formation of research traditions on comics within the Brazilian context. These are compared with frameworks previously analysed by Ameline (2009), Hatfield (2017), Christiansen and Magnussen (2000); Maigret and Stefanelli (2012).
**Keywords**: Comics Studies; Research on comics; History of comics

## INTRODUÇÃO

A pesquisa em torno das histórias em quadrinhos consolidou-se ao longo de quase sessenta anos de publicações sobre esse objeto. Os primeiros textos eram em tom "apocalíptico"; no Brasil, por exemplo, o professor W.S. Jonas Speyer (1961) reproduzia argumentos de Frederic Wertham para apontar os males dessa leitura para a juventude.

[I] Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil
[II] Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
[*] Autor correspondente – maria.c.carneiro@ufsm.br

Artigo publicado por Letras sob uma licença CC BY-NC 4.0.

Desde os anos 1970, porém, a pesquisa configura-se, em sua vastíssima maioria, como um discurso "integrado", por vezes apologético em demasia. Desde aquela época – dos títulos onomatopaicos de Moacy Cirne (*Bum! – a explosão criativa dos quadrinhos*, 1970) e Álvaro de Moya (*Shazam!*, 1970) – até hoje, é possível encontrar cerca de 2 mil resultados para o termo "quadrinhos" no Portal de Periódicos da CAPES, pelo menos 175 mil artigos no Google Scholar com o termo em português e mais de 10 mil doutores cujos currículos na base Lattes têm essa palavra-chave mencionada pelo menos uma vez (em busca realizada em maio de 2026). Ainda assim, busca-se constantemente por uma legitimação desse objeto de pesquisa como tal, algo observável em artigos e livros (como veremos alguns exemplos). Haveria carência de construção de cursos específicos para criação, por exemplo, de uma área específica em programas institucionais de pesquisa como CAPES e CNPq[1]. Porém, a própria existência de eventos e revistas específicos, defesas de teses e dissertações reunindo especialistas reconhecidos na área, bem como a permanência e a circulação de referencial teórico indicam a existência de um campo de pesquisa do quadrinho, com muitos de seus instrumentos de validação ativados. A própria constituição do presente dossiê é exemplar para a atualização do campo como espaço de luta de um "sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores)" (Bourdieu, 1983, p. 122), ou seja, o status outorgado aos pareceristas como especialistas reconhecidos por esse mesmo sistema, que podem, por sua vez, reconhecer a "competência científica" (*ibid,* p. 122) dos articulistas[2].

Em *Un objet culturel non identifié* [Um objeto cultural não identificado], Thierry Groensteen (2006) explorava algumas das dificuldades para a compreensão das histórias em quadrinhos como objeto de leitura, seja pelos entraves gerados por alguns de seus próprios produtores (os editores), seja pelas querelas geradas pelos leitores críticos (os pesquisadores), ou pelos educadores. O presente artigo, por sua vez, propõe um breve panorama sobre o desenvolvimento dos estudos das histórias em quadrinhos, mais particularmente os primeiros passos no Brasil, refletindo alguns questionamentos da criação desse campo específico para o objeto. Observamos, nesse contexto, que a prevalência do discurso de validação acaba por obliterar, muitas vezes, o desenvolvimento da própria pesquisa, pois demonstra desconhecimento dessa história, como se ela estivesse sempre para começar. Como mencionado, nossa base é a ideia de campo científico em Bourdieu (Bourdieu, 1983; 2009; Carvalho, 2013), e observamos esse panorama brasileiro confrontado a observações do desenvolvimento da pesquisa sobre quadrinhos na França e Estados Unidos, a partir dos estudos de Ameline (2009), Hatfield (2017), Christiansen e Magnussen (2000); Maigret

[1] A título de exemplo, Quadrinhos não aparecem entre as áreas e subáreas de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O presente artigo, por exemplo, faz parte de projeto atrelado à grande área de Linguística, Letras e Artes, na área de Letras, e subárea de Literatura Comparada. Entre as subáreas, podemos identificar Desenho, Gravura, Cinema, Literatura Brasileira, Literaturas Estrangeiras Modernas (Brasil, 2022).

[2] Nesse momento em que escrevemos, uma virtual alteração das métricas institucionais para validação de autoridades científicas aparece como um fantasma a esse texto já assombrado por essas relações simbólicas que aborda Bourdieu.

e Stefanelli (2012). No contexto brasileiro, retomamos Vergueiro (2017), Von Kulitz (2019; 2024) e Lima Gomes (2020). À semelhança de Groensteen e Ameline, dividimos o presente texto nas fases de sua consolidação como objeto e, posteriormente, como campo: de objeto pouco estudado, a objeto renegado, e objeto de paixão. À guisa de conclusão, discutimos a "indisciplina" do quadrinho como campo de estudo.

## UM OBJETO POUCO ESTUDADO

Não é por acaso que iniciamos este artigo retomando as expressões que Umberto Eco apresentou em seu livro publicado pela primeira vez em 1964 na Itália: citado tanto por Cirne (1970) quanto Moya (1970), seu livro *Apocalípticos e Integrados* representa um marco para os estudos das histórias em quadrinhos, sendo um dos primeiros títulos publicados pela editora Perspectiva de Jacó Ginzburg, inaugurada em 1965 (que publicaria Moya, alguns anos depois, na mesma coleção Debates)[3]. Eco, por sua vez, atualizava discussões trazidas anteriormente por H. Marshall McLuhan e Edgar Morin para elaborar análises semióticas específicas para, entre outras mídias, as histórias em quadrinhos, que seriam inevitavelmente relegadas a objetos dos estudos da comunicação de massa. Seu texto continua figurando entre as referências mais antigas produzidas para a pesquisa acadêmica sobre o assunto e traduzidas para o Brasil. Além dele, o trabalho de Pierre Couperie, por exemplo, organizador da exposição e livro *Bande dessinée et figuration narrative* [história em quadrinhos e figuração narrativa] (Couperie, 1970), é uma das presenças inevitáveis nas primeiras obras específicas sobre quadrinhos (Moya, 1970; Cirne, 1970; Anselmo, 1975; Cagnin, 1975). No prefácio ao livro de Zilda Anselmo (1975), por exemplo, seu orientador, o então professor da cadeira de psicologia da Universidade de São Paulo, Samuel Pfromm Netto, chama a atenção para como aquela década reconhecia "a comunicação de massa como um campo legítimo de pesquisas e estudos de natureza psicológica" (Pfromm in Anselmo, 1975, p. 15).

Os estudos da comunicação e o próprio campo da comunicação, bem como os estudos da linguagem e em geral a própria teoria literária atingiram seu ápice na virada para a segunda metade do século XX. Da mesma forma, a ampliação do uso dos meios de difusão de comunicação, a comunicação em massa *per se* se expandem no século passado. Moacy Cirne assume a "cadeira de professor no Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense" em 1970 (Souza, 2014), a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo surgiu em 1966, e o primeiro programa de pós-graduação em comunicação da mesma universidade foi inaugurado em 1972 (Hanek, 2026). Os

[3] Em seu primeiro capítulo, Moya relata o encontro com um amigo que "contou que era arquiteto, formado pela FAU de São Paulo e estava fazendo um curso pós-graduação sobre comunicação de massa, contando com a ilustre presença do Prof. Umberto Eco" (Moya, 1970, p. 15). Shazam! é o volume 26 da Coleção Debates da editora Perspectiva. Obra aberta, de Eco, é o 4o volume; *Apocalípticos e Integrados* o volume 19.

quadrinhos podem ser reconhecidos, portanto, como objetos de primeira hora desse novo campo de estudos. Conforme observa Von Kulitz, a "criação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom), em 1977, demarcou outro avanço na consolidação dos estudos dos quadrinhos no Brasil" (Von Kulitz, 2024, p. 24), com discussões aprofundadas sobre a mídia.

No mesmo prefácio citado acima de Anselmo, Pfromm destaca, por sua vez, a pesquisa inovadora de sua aluna:

> A despeito de algumas contribuições recentes em matéria de histórias em quadrinhos, faltava ao leitor brasileiro um estudo integrador das múltiplas perspectivas que os quadrinhos oferecem. *Faltavam, principalmente, os enfoques científico e pedagógico, pois quase toda a magra literatura brasileira sobre quadrinhos é constituída de ensaios literários, estéticos e divagações pessoais*. (Pfromm in Anselmo, 1975, p. 17, grifos nossos)

Além de ser um dos pioneiros na elaboração de dados para comprovar, estatisticamente, a falácia da suposta relação entre leitura de quadrinhos e dificuldade escolar, o livro de Anselmo é um tesouro para a pesquisa hoje. Sua revisão bibliográfica nos oferece uma descrição detalhada do estado da arte da pesquisa sobre o tema até então, das publicações mais conhecidas, incluindo um mapeamento das principais editoras existentes no país. Ela anota, inclusive, endereços e nomes de seus responsáveis. Encontramos cuidado semelhante em *Quadrinhos*, de Antônio Cagnin, publicado naquele mesmo ano (e que cita, em suas referências, tanto o livro de Anselmo quanto o fato de ela ser a primeira professora universitária brasileira com tese sobre quadrinhos). Esse livro, por sua vez, tem apresentação e Antonio Candido, orientador da dissertação de mestrado de Cagnin. Candido aponta como essa matéria contribuiria com os estudos gerais da narrativa: "Neste sentido, penso que deve ser lido e meditado tanto pelos interessados em Semiótica e Comunicação, quanto pelos professores de língua e literatura, que desejem abrir o horizonte no rumo dos métodos modernos de análise" (Candido in Cagnin, 1975, p. 13).

É interessante perceber que, embora ambas as pesquisas deem conta desses discursos já existentes em torno dos quadrinhos, lemos, na abertura de Pfromm – por sinal, ambos os prefácios representam uma validação simbólica de orientador para orientandos –[4], uma disputa quanto ao que significa a própria ideia de campo de pesquisa, como se "ensaios literários" e "ensaios estéticos" não oferecessem "enfoque científico". Ou seja, mesmo quando se está do mesmo lado da batalha – a saber, reconhecer a legitimidade desse objeto para o estudo científico –, há uma disputa pela autoridade do que significa a pesquisa científica. Como afirma Bourdieu, "A autoridade científica é, pois, uma espécie particular de capital

[4] No caso do prefácio de Candido, lê-se, ainda, certa chancela da teoria literária (e, por conseguinte, da Literatura com L capital) para os estudos dos quadrinhos.

que pode ser acumulado, transmitido e até mesmo, em certas condições, reconvertido em outras espécies" (Bourdieu, 1983, p. 130). Esses prefácios conotam esse capital transmitido e autorizado por nomes notórios de seus respectivos campos.

As histórias em quadrinhos como um todo (linguagem, objeto de circulação entre leitores, grupo de artistas), no Brasil, já se configuram como um campo. Como observa André Pereira de Carvalho em sua comunicação sobre a constituição do campo quadrinhos a partir dessa ótica oferecida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, há uma construção gradativa de uma cena brasileira de quadrinhos ainda na primeira metade do século XX: eventos como o congresso no MASP em 1970, a produção local que começava a se sobressair e o interesse acadêmico demonstrado pelas pesquisas de Moya e Cirne contribuíram "na produção de um campo verdadeiramente autônomo como se encontra hoje" (Carvalho, 2013, p. 3). Esse campo, por sinal, parece apartado de todo e qualquer projeto científico que se dedique ao objeto em outros contextos. Por exemplo, mesmo se a pesquisa sobre a imprensa satírica no Brasil – espaço em que se viu consolidar a própria linguagem no país – seja ativa e atuante desde a segunda metade do século XX, parece haver setorização entre as áreas. As condições materiais que ativaram o quadrinho são mais estudadas na Sociologia e na História, seus efeitos na Pedagogia ou Psicologia, etc.. Sem demérito a nenhuma, cada área vai fazer uso de metodologias e referenciais adequados, e os quadrinhos são potenciais para múltiplos estudos, tratando-se de material de leitura impregnado ideologicamente e com diferentes níveis de estetização. Por sinal, Terry Eagleton, em seu livro *Teoria da Literatura: Uma introdução,* comenta que a Literatura não tem nenhuma teoria sua, todas servem a diversos objetos (Eagleton, 2003, p. VII). O mesmo Antonio Candido, fundador de uma linha importante dos estudos literários brasileiros, por exemplo, era sociólogo de formação.

Como observa Bourdieu, dentro de cada área também vai haver disputa simbólica pela autoridade científica, como a que se viu levada a cabo por grupos que se alinham tradicionalmente à escola iniciada sobretudo por Álvaro de Moya ou a de Moacy Cirne – ou seja, duas escolas de tradição dos estudos da linguagem dos quadrinhos, ora mais ancorada aos anseios de uma elevação dos quadrinhos como objeto de estudos, ora à análise materialista do objeto e com engajamento político declarado (cf. Silveira *et al*., 2023). Ambas as tradições, porém, ainda tem muita dificuldade de se analisar o quadrinho criticamente, dominados pela paixão pela produção geral, ou, ainda, a pesquisa sobre quadrinhos "sair do típico quadro de análises sobre recursos temáticos, linguísticos e narrativos. São poucos os trabalhos que se debruçam sobre os projetos estéticos mais contextuais implicados no (a) fazer quadrinístico geral" (Von Kulitz, 2024, p. 29).

Com "uma relação de poderes em constante movimento, com elementos mais estabelecidos no poder do que outros", o campo dos quadrinhos orbita e é orbitado

por outros campos sociais "que com ele faz uma troca de relações" (o cinema, jogos eletrônicos, música, literatura), bem como as necessidades do capital, os poderes públicos, a educação (Carvalho, 2013, p. 6). Essa rede molecular ou rizomática de interferências também é alimentada e alimenta o campo científico, obviamente. Podemos pensar que o termo quadrinhos pode remeter a um objeto transversal que inclui tanto esse campo expandido ao qual Carvalho remete, e que perpassa a diversos campos de estudos. Ele remete à concepção bourdieusiana de campo para conjecturar a estruturação do campo geral no Brasil, que se baliza em "quatro pilares fundamentais", a saber: eventos próprios, uma crítica especializada[5], produção e comércio independentes, e produção acadêmica (Carvalho, 2013, p. 3-4). O pesquisador brasileiro compreende essa estrutura organizacional do campo quadrinho como constituída por uma disputa de poder entre esses quatro pilares, baseada em capitais simbólico, cultural e econômico (*ibid.*, p. 5-6).

Percebe-se que a produção acadêmica sobre quadrinhos, muitas vezes, apresenta discurso similar à crítica especializada, que parte do pressuposto de se colocar como mecanismo de defesa para a manutenção de sua produção e seu comércio, com certo ativismo discursivo (cf. veremos *infra*). Isso pode perpassar o entendimento de não ter ocorrido mudanças desde a década de 1970, quando Pfromm (*in* Anselmo, 1975, p. 17) prefaciou o livro de Zilda Anselmo e constatou uma prevalência de "ensaios literários, estéticos e divagações pessoais" e a carência de trabalhos científicos sobre histórias em quadrinhos, ou seja, a produção acadêmica que se debruça sobre os quadrinhos como objeto de estudo ainda seria esparsa[6]. Tal compreensão é comentada em diferentes textos de Waldomiro Vergueiro, inclusive em seu livro dedicado ao tema, *Pesquisa acadêmica em histórias em quadrinhos* (Vergueiro, 2017).

> Embora o Brasil tenha sido o primeiro a introduzir uma disciplina específica sobre o tema "histórias em quadrinhos" em um curso de graduação (na Universidade de Brasília, durante a década de 1970, ministrada pelo professor Francisco Araújo) e a organizar um curso de especialização exclusivamente sobre esse assunto (na Universidade de São Paulo, já nos anos 1990), ainda não são tantas as instituições de ensino universitário que possuem grupos de pesquisa formalmente dedicados ao tema. (Vergueiro, 2017, p. 7)

Além do curso criado em Brasília, o curso de Sônia Bibe-Luyten na USP, na mesma época, é citado por diversos autores como uma das iniciativas primordiais para o estabelecimento de um campo de pesquisa específico (Von Kulitz, 2024; Anselmo, 1975; Cagnin, 1975). Evidencia-

[5] Sobre os distintos papéis da crítica nos quadrinhos, ver Carneiro, 2013. O cenário descrito ali se alterou consideravelmente desde então, com uma nova crítica e novas pesquisas. Em um dos trechos, descreve-se uma possível distopia em que a emergência de uma crítica anônima apenas por *likes* poderia fazer submergir o debate público, bem no começo da discussão sobre os efeitos do algoritmo como mediador da validação dessa crítica.

[6] Como Von Kulitz explora em sua tese (2024), a crítica universitária foi precedida por intensos debates tratados em outros espaços, da imprensa ao expositivo.

se que é possível deduzir um início de solidificação do campo científico dos quadrinhos nos anos 1970. Ecoando o lamento de Vergueiro quanto à escassez de instituições que tenham cursos formais sobre quadrinhos, de fato ainda são raras as notícias de cursos similares, e muito menos de um curso específico sobre histórias em quadrinhos nas universidades brasileiras. Para alguns, a necessidade de uma legitimação acadêmica dos estudos sobre quadrinhos permitiria viabilização de verbas e outros subsídios para a pesquisa, aos quais os pesquisadores de histórias em quadrinhos não teriam, supostamente, acesso. Porém, isso não impediu a existência de uma história crítica e acadêmica na pesquisa sobre histórias em quadrinhos, que não se resume a uma extensão dos debates fervorosos entre fãs.

Embora seja observável, hoje, uma preponderância dos estudos dos quadrinhos se alinharem às duas tradições supracitadas (Moya e Cirne), é importante destacar que os quadrinhos, como objeto, estão incluídos em pesquisas históricas sobre a imprensa satírica brasileira. A título de exemplo, destacamos o trabalho da professora Marilda Lopes Pinheiro Queluz, que embora sua tese tratasse sobre os estudos da caricatura (2002), foi responsável pela orientação de inúmeras teses e dissertações sobre quadrinhos na Universidade Federal Tecnológica do Paraná, inclusive de artistas da área como Liber Paz, Guilherme Caldas e José Aguiar. Seu prefácio ao livro de José Aguiar sobre o humor gráfico no Paraná apresenta interessantes distinções dentro dessa grande área do humor e apresenta esse contexto do desenvolvimento da história das narrativas visuais no país (Aguiar, 2021). Talvez justamente pelo desejo de distinção dos quadrinhos frente a outras artes próximas, a pesquisa sobre quadrinhos parece sempre tentar se distinguir e, por vezes, ignorar essa tradição tão próxima de si[7].

Pierre Bourdieu (1983) teoriza acerca do campo científico como constituído por disputas pelos monopólios da "*autoridade científica*" e da "*competência científica*".

> O campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da *autoridade científica* definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da *competência científica*, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado. (Bourdieu, 1983, p. 122-123, grifos do autor)

Como Carvalho (2013, p. 6) compreende, a produção acadêmica brasileira sobre histórias em quadrinhos é atrelada ao campo dos quadrinhos e careceria de autonomia devido à influência dos campos sociais que a circundam. Bourdieu esclarece a autonomia do campo científico como sua capacidade de "*refratar*" imposições do "campo social global" (Bourdieu, 2004, p. 21-22, grifo do autor). O sociólogo francês compreende que o campo

[7] Os estudos dos quadrinhos por vezes pedem a seriedade, não o humor. *Viñetas Serias*, por sinal, era o nome de um dos principais eventos da pesquisa latinoamericana sobre quadrinhos.

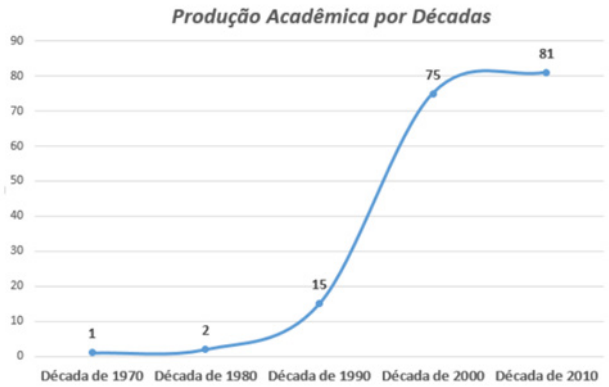
científico, ao não se desviar das influências heteronômicas, fica refém da atuação de "pessoas pouco competentes" na disputa pela competência e autoridade científica (*ibid.*, p. 21-22).

A "inexistência" desse campo autônomo implica que esse objeto não seria potencialmente analisável fora do âmbito dos discursos de fãs e das circunstâncias arraigadas à lógica de mercado do campo quadrinhos. Perguntamo-nos, porém, se esse campo já não estaria estabelecido. Como dissemos, além de ser objeto transversal a diferentes campos, temos autores estabelecidos como referências dos quadrinhos, como os próprios Moacy Cirne, Álvaro de Moya, Waldomiro Vergueiro, Paulo Ramos, Sônia Luyten.

De acordo com Charles Hatfield (2017), o campo científico estadunidense sobre as histórias em quadrinhos não surgiu por uma demanda das instituições de ensino superior, e sim por uma necessidade de organização dos pesquisadores de áreas distintas para "estudar essa forma de arte negligenciada e sua cultura"[8]. Em introdução a seu livro sobre quadrinhos como cultura midiática, Éric Maigret (Maigret; Stefanelli, 2012) observa que os primeiros pesquisadores, ao visualizarem os quadrinhos como um objeto digno de análise, empenharam-se em desconstruir o discurso que enquadra essa mídia como um produto cultural especificamente voltado para uma audiência infantojuvenil (*ibid.*). Em seguida, novos pesquisadores dedicaram-se a desfazer a percepção dos quadrinhos como apenas uma linguagem híbrida de texto e imagem justaposta em caixas, e invalidar a origem simplista dos quadrinhos e sua essência *stricto sensu* (*ibid.*).

Em pesquisa de 2016, os pesquisadores Victor Callari e Karoline Kunieda Gentil empreenderam uma análise estatística do panorama brasileiro da pesquisa em torno dos quadrinhos. Apesar da pouca disponibilidade de dados online, conforme eles apontam, como ausência de acervos digitais ou acessos limitados, encontraram 337 trabalhos de conclusão (monografias, dissertações e teses) em 106 universidades estaduais e federais publicados entre 1970 e 2013, com um aumento vertiginoso na aurora do novo milênio (Figura 1).

Figura 1 – Produção Acadêmica analisada por Callari e Gentil (2016)




Fonte: Callari e Gentil (2016, p. 17)

[8] Tradução de : "in which they can study this neglected art form and its culture."

Apesar de localizar a pesquisa na área de história, os trabalhos mapeados foram realizados em áreas diferentes, sendo a grande maioria na área de Letras, seguida pela Pedagogia e pela Comunicação. Isso demonstra como essa matéria pode ser vista por diferentes parâmetros metodológicos. Porém, mesmo com essa densidade numérica, não é difícil encontrar, em textos acadêmicos bem recentes, os mesmos preâmbulos buscando legitimar o objeto de pesquisa – as histórias em quadrinhos – nos mais diversos campos[9]. Por exemplo, em uma breve busca pela plataforma Google Scholar entre janeiro e março de 2026, identificamos introduções de artigos que ecoam ainda essa necessidade de apontar "preconceitos" contra os quadrinhos[10].

> A. "As histórias em Quadrinhos se apresentam como um dos produtos culturais *mais influentes e menos pesquisados*." (2001, grifo nosso)
>
> B. "há também certo *preconceito científico*, perceptível quando alargamos o horizonte dessas potencialidades das HQs para fazer humor com ciência e, dessa forma, tentar popularizá-la e atrair o interesse dos jovens para seus estudos." (2011, grifo nosso)
>
> C. "*Apesar das opiniões, muitas vezes contrárias*, os quadrinhos vêm adentrando a academia." (2020, grifo nosso)
>
> D. "Eram *marginalizados* e colocados em atividades de leitura recreativa, sem maiores objetivos, geralmente no intervalo ou final das aulas, como se tal gênero discursivo não fosse digno de figurar no cânone dos textos a serem estudados pela escola" (2020, grifos nossos).
>
> E. "O universo dos quadrinhos é frequentemente entendido como um mundo associado à infância e à juventude, *não havendo lugar na vida adulta e, menos ainda, no espaço acadêmico*." (2025, grifo nosso)

Muitas das pesquisas na área da Pedagogia (mas também em outras áreas) vão justificar o uso de quadrinhos como objeto devido a sua inclusão em documentos como os *Parâmetros Curriculares Nacionais* e a *Base Nacional Comum Curricular,* e seu uso em exames reconhecidos:

[9] Cf. introdução ao livro sobre a história dos pesquisadores: "Durante boa parte do século XX, as histórias em quadrinhs sofreram *rejeição quase que generalizada* por parte da sociedade, sendo alvo de preconceitos, perseguições e medidas judiciais que visavam conter ou erradicar da face da Terra qualquer produto quadrinístico. E isso ocorreu *em uma proporção inigualável ao ocorrido com qualquer outra manifestação artística* ou forma de expressão do conhecimento humano" (Vergueiro; Ramos; Chinen, 2013).
[10] Como são frases apenas a título de exemplo, preferimos omitir suas origens, posto que tais formulações não fazem tais pesquisas menos importantes.

> F. "Diversos livros didáticos, manuais de estudo e, atualmente, as provas do *ENEM* e do *ENADE*, empregam a linguagem dos quadrinhos e seus congêneres como tiras-em-quadrinhos, charges e cartuns como recursos de visualização e problematização para conduzir sistemas de avaliação da aprendizagem" (2020, grifos nossos)

Autores recorrem a argumentos de autoridade que visam ao estabelecimento de uma base de trabalho, ancorando a pesquisa a um porto seguro, isto é, o reconhecimento dos quadrinhos como objeto digno de ser olhado pelo meio acadêmico. E essas discussões parecem sempre responder a um discurso anterior, ausente nos artigos, mas talvez sussurrado nos corredores, sobre a bastardia dos quadrinhos no meio acadêmico (e pedagógico). Tentamos recuperar essas "visões negativas" sobre as histórias em quadrinhos que estariam no cerne da pesquisa apologética que se seguiria.

## UM OBJETO RENEGADO

Como aponta Gonçalo Junior em seu livro *Guerra dos Gibis*, bem antes de *Para ler o Pato Donald* (Dorfman; Mattelart, 1977), bispos e políticos já questionavam o colonialismo subliminar embutido nos quadrinhos americanos publicados no Brasil e na América Latina[11]. Junior – citado, aliás, por Vergueiro como descendente da pesquisa diletante (não acadêmica) iniciada por Moya (Vergueiro, 2017) – escreve, de forma romanceada, de que forma ocorreram as tais guerras dos gibis, quando Adolfo Aizen e Roberto Marinho estiveram lado a lado nas trincheiras contra os apocalípticos das HQs (Junior, 2023).

De forma semelhante, como escreve Charles Ameline em seu texto "*Généalogie d'un interdiscours sur la bande dessinée*" (2009), os discursos críticos e/ou teoricizantes sobre a mídia começam a se intensificar na academia francesa nos anos 1960-1970, sobretudo como resposta a críticas negativas que permearam as décadas anteriores – os mesmos anos 1940-1950 descritos por Junior (2023). Ameline observa que os primeiros discursos críticos partiam de uma infantilização do quadrinho, seja pelos movimentos apocalípticos que denunciavam esse "grande inimigo" (Speyer, 1961), seja pelos integrados que, pela via da nostalgia, tentavam reabilitar as narrativas que liam desde a infância.

> Nos anos 1960, vê-se iniciar esse movimento de reabilitação da história em quadrinhos conduzido por alguns "fãs". O editor e jornalista francês especializado na literatura policial e fantástica, Francis Lacassin, falava aliás de "ato de amor" ou, ainda, "ato de fé" a propósito de sua empreitada de reabilitação das histórias em quadrinhos americanas dos anos 1930 que constituíam suas leituras de juventude. (Ameline, 2009, nossa tradução)[12]

[11] "O religioso [padre Arlindo Vieira] achava que a maioria dos quadrinhos publicados no país tinha teor imoral e caráter 'desnacionalizante' para seus pequenos leitores. Para ele, as histórias publicadas por Aizen e Marinho traziam algo mais grave do que personagens femininas com roupas indecorosas, que incentivavam a molecada a se dedicar ao 'sexo solitário' (masturbação): o objetivo maior de quem fazia os quadrinhos, na sua opinião, era promover abertamente a alienação cultural dos leitores, por meio da imposição dos 'modismos' americanos, estranhos à cultura brasileira." (Junior, 2023, p. 113).

[12] Traduzido de: "Dans les années 1960, on voit s'amorcer ce mouvement de réhabilitation de la bande dessinée conduit par quelques 'fan'. L'éditeur et journaliste français spécialisé dans la littérature policière et fantastique, Francis Lacassin parlait d'ailleurs 'd'acte d'amour' ou

As críticas da década de 1950 seriam acompanhadas por certo rigor metodológico por psicólogos e pedagogos, notoriamente Frederic Wertham. Seus textos chegaram ao Brasil pela revista *Seleções* (*Reader's Digest*), que editou trechos de seu livro nos anos 1950 (cf. Chinen, 2013, p. 5)[13]. No mesmo prefácio supracitado, Pfromm faz referência aos estudos "no passado" de sua área (a psicologia).

> Ao contrário do que ocorria com certos estudos mais ou menos comuns no passado, que exploravam os quadrinhos apenas para acusá-los de embrutecer, deformar e perverter a mente infantil, Anselmo procura analisar este gênero de comunicação de massa com a objetividade e a serenidade características do cientista. (Pfromm *in* Anselmo, 1975, p. 18)

Anselmo, páginas adiante, lembra algumas pérolas da crítica aos quadrinhos, como a interdição de Flash Gordon na Itália de Mussolini e a declaração de Goebbels sobre super-homem ser judeu (Anselmo, 1975, p. 20). Ela destaca o trabalho dos psicólogos americanos Barcus, que analisou conteúdo dos *comics* (Anselmo, 1970, p. 82-85) e Spigelman, que analisou os personagens em geral (*ibid.,* p. 85-76). Wertham havia sido retomado por Speyer em artigo na *Revista de Letras* da Universidade do Estado de São Paulo em 1961, quase quinze anos antes, e é discutido por Anselmo[14]. O psicólogo chega a se desculpar por explicar o que considera a boa literatura/leitura em uma revista dirigida a profissionais de Letras. Ainda assim, destrincha argumentos falaciosos para demonstrar como a simples leitura desses textos desmotivaria crianças e adolescentes para a "boa" leitura.

As "visões negativas" (Vergueiro, 2017, p. 86) contra os quadrinhos nesses primeiros discursos críticos acompanham, portanto, elaborações acadêmicas realizadas, sobretudo, pelas crescentes pesquisas no campo da psicologia nos Estados Unidos. Matteo Stefanelli (Maigret; Stefanelli, 2012), ao realizar um delineamento epistemológico do campo das histórias em quadrinhos em geral, elenca a década de 1940 e o pós-Segunda Guerra Mundial como o início de um olhar crítico voltado à mídia. A psicologia experimental em conjunto com o campo da educação, ao se dedicarem à análise do efeito da leitura dos quadrinhos no comportamento das crianças (*ibid.*, 2012), vão trabalhar nesse sentido, em pesquisas que podem ser categorizadas como "efeitos de mídia" ["*media effects*"] (Hatfield, 2017). Nos anos 1950, a psicologia e também a sociologia difundiram a teoria sobre os malefícios acarretados pela leitura das histórias em quadrinhos na audiência infantojuvenil. Isso fez com que as pesquisas estadunidenses entrassem em uma espiral de análises voltadas para

encore 'd'acte de foi' à propos de son entreprise de réhabilitation des bandes dessinées américaines des années 1930 qui constituaient ses lectures de jeunesse."

[13] Curiosamente, a revista havia editado textos em prol das histórias em quadrinhos, de Fred Rodell, na década anterior, conforme o jornalista Gonçalo Jr. descreve em seu livro *Guerra dos gibis* (2023). Bem mais recentemente, a publicação da primeira tradução brasileira completa de *A sedução do inocente* em dois volumes pela editora Noir (um inteiramente dedicado a comentários sobre a obra) movimentou uma querela em redes sociais, (re)aquecendo mais uma disputa sobre autorizações discursivas.

[14] Outra curiosidade: a mesma revista continha artigo do futuro orientador de uma das primeiras dissertações de mestrado sobre quadrinhos da USP na Letras, Antonio Candido.

como as representações realizadas nos quadrinhos influenciavam os leitores, analisando os quadrinhos como um novo objeto cultural democrático que trazia mudanças para a sociedade estadunidense, ou como mídia responsável pelo aviltamento da juventude (Stefanelli, 2012; Hatfield, 2017). De acordo com Charles Hatfield (2017), esse seria um dos fatores para a estagnação dos estudos sobre história em quadrinhos na academia dos EUA; outro fator, na década de 1950, seria a mudança de interesse dos pesquisadores de efeitos de mídia dos quadrinhos para a televisão.

Para Vergueiro, as visões negativas sobre os quadrinhos seriam as "conservadoras, marxistas ou dos Estudos Culturais", "perspectivas contrárias à cultura de massa em contraposição à arte, ou que percebem os quadrinhos como difusores da ideologia dominante da sociedade" (Vergueiro, 2017, p. 86). Podemos aferir que ele se reporta à crítica de marxistas como os supracitados Dorfman e Mattelart (1977), que associaram o mundo Disney à expansão do império dos Estados Unidos da América, como um material ideológico. Embora seja possível imaginar os exageros e subsequente boicote por pessoas de esquerda dos gibis do Donald, porém é inegável reconhecer os mecanismos da ideologia em seus mais diversos discursos. Moacy Cirne, crítico marxista de quadrinhos, provaria que seria possível reconhecer a perversão capitalista em alguns quadrinhos e não deixar de amá-los (Cf. Silveira *et al*., 2023). Da mesma forma, o grande campo dos Estudos Culturais vem auxiliando a mudar não apenas a pesquisa, mas também a paisagem de autores e personagens, cada vez menos brancos, heterossexuais, cisgêneros. A crítica "conservadora" no Brasil, se concentrou, sobretudo, em textos esparsos reverberando Wertham, como historicizou Nobu Chinen (2013) em sua comunicação sobre seus reflexos. Desde os anos 1970, a pesquisa acadêmica voltada para os quadrinhos começou a se aprofundar e a criar sua genealogia de textos apaixonados, mesmo quando críticos, conforme veremos na seção a seguir.

## UM OBJETO APAIXONANTE

Maigret e Stefanelli (2012), partindo de uma perspectiva do norte global, realizam uma sistematização do desenvolvimento da pesquisa de histórias em quadrinhos em duas categorias, o paradigma essencialista (observadores internos) e o paradigma metodológico (observadores externos). A década de 1960 – sobretudo na Europa – é considerada como o início da "respeitabilidade" do campo da história em quadrinhos, com o surgimento do paradigma essencialista (observadores internos) que se dedicavam às análises históricas e filológicas com viés nostálgico, e o paradigma metodológico (observadores externos), constituído por pesquisadores que se utilizavam de metodologias acadêmicas para suprir

as demandas de legitimação dos quadrinhos como aporte para combater a teoria sobre os malefícios da leitura dos quadrinhos (*ibid.*, 2012).

Um caso exemplar do paradigma essencialista (observadores internos) ocorreu na França: em 1962, um grupo formado por jornalistas, escritores, cineastas e acadêmicos (capitaneado por Francis Lacassin, Évelyne Sullerot, Pierre Couperie e Alain Resnais) criou *Le Club des bandes dessinées* (CBD) com o objetivo de historicizar as histórias em quadrinhos lidas na infância, como tentativa de retornar um discurso crítico sobre os quadrinhos e elencá-los como uma forma de arte. Como plataforma para publicar textos sobre a importância desses quadrinhos, o CBD organizou a revista *Giff-Wiff*, publicada entre os anos de 1962 e 1967. O cineasta Alain Resnais, no ano de 1964, alterou o nome do *Club des bandes dessinées* para *Centre d'Etude des Littératures d'Expression Graphique* (CELEG), com o intuito de vincular as histórias em quadrinhos à literatura e trazer legitimidade para os quadrinhos (Maigret; Stefanelli, 2012; Ameline, 2009; Vargas, 2018, p. 87). No mesmo ano, a CELEG se ramifica com a criação da *Société Civile d'Étude et de Recherche des Littératures Dessinées* (SOCERLID).

Segundo Ameline (2009), a SOCERLID foi a responsável por solidificar o discurso nostálgico e enciclopédico com a criação da revista *Phénix* no ano de 1966, e com a realização da exposição *Bande Dessinée et Figuration narrative*, em 1967, no Musée des arts décoratifs de Paris, cujo catálogo, supracitado, seria uma referência importante para nossos pesquisadores (Couperie *et al*., 1967). Essa perspectiva, também enciclopédica, não ocorreu exclusivamente na França, conforme Charles Hatfield (2017) elucida; nos Estados Unidos esse discurso foi propagado pelos fanzines, como, por exemplo, *Alter Ego* e *Xero*. No Brasil, os boletins (termo anterior à nomenclatura de fanzines ter se disseminado por aqui) elaborados por leitores ávidos pelas histórias em quadrinhos começam a circular também por volta desse período, como descreve Edgard Guimarães em seu livro sobre o tema (2020, p. 13).

O paradigma metodológico (observadores externos) surge, na Europa, quando os acadêmicos do campo da linguística se desvinculam das investigações de efeito de mídia e passam a realizar pesquisas sobre as histórias em quadrinhos com base teórica na semiologia e no estruturalismo (Maigret; Stefanelli, 2012). Essa virada semiológica-estruturalista europeia dos estudos acadêmicos sobre histórias em quadrinhos pode ser exemplificada com as publicações de *Apocalittici e integrati* de Umberto Eco, na Itália, no ano de 1964, e de *La Bande dessinée (Essai d'analyse sémiotique). L'univers et les techniques de quelques "comics" d'expression française* de Pierre Fresnault-Deruelle, na França em 1972. Hans-Christian Christiansen e Anne Magnussen (2000) entendem essa perspectiva semiológica-estruturalista como um esforço de gramatização das histórias em quadrinhos que se ramifica em duas linhas de pesquisa: uma que procura compreender a narratividade dos quadrinhos como uma sistematização mitológica e outra que analisa os quadrinhos como um "sistema de linguagem gráfica" ["*graphic language*

*system*"] (Christiansen e Magnussen, 2000, p. 12-13). Para Éric Maigret e Matteo Stefanelli, a teorização semiológica-estruturalista da pesquisa sobre histórias em quadrinhos foi vigente até os anos 1990 e obteve uma boa recepção na academia europeia, por ter uma ênfase essencialista em torno da linguagem dos quadrinhos (Maigret; Stefanelli, 2012).

Nos Estados Unidos, o paradigma metodológico ocorre a partir do campo de estudos de Cultura Popular, no final da década de 1960. Com Ray Browne fundando o *Center of Popular Culture*, na Bowling Green State University, a revista acadêmica *Journal of Popular Culture* e, em conjunto com Russell Nye, funda o *Popular Culture Association* (PCA), no ano de 1971. Os estudos de Cultura Popular surgem com o intuito de ir contra a crítica à cultura de massa realizada pela Escola de Frankfurt, para celebrar a cultura popular como um dos pilares da democracia estadunidense. A partir desse viés do campo da Cultura Popular, em 1973, as histórias em quadrinhos começam a ser defendidas como um objeto de pesquisa, pelo acadêmico M. Thomas Inge, dentro da PCA. No ano de 1975, a PCA incorpora ao seu quadro de pesquisa uma área para os estudos acadêmicos de quadrinhos, chamada de *Comic Art and Comics* (Hatfield, 2017). Hatfield esclarece que a incorporação das histórias em quadrinhos pela PCA, em um primeiro momento, parecia ser benéfica por desvincular os quadrinhos das críticas da década de 1950. No entanto, o autor compreende que a PCA acabou por isolar os quadrinhos dentro do campo da Cultura Popular. A PCA defendia uma postura "antiacadêmica/antielitista"[15] (Hatfield, 2017) para transformar os estudos sobre histórias em quadrinhos em um ambiente acolhedor para fãs e para trabalhadores dos quadrinhos; esse procedimento da PCA permeou o desenvolvimento dos estudos sobre quadrinhos estadunidenses (*ibid.*, 2017).

Ainda na década de 1970, houve a formação da Associação Brasileira de Críticos e Professores de Histórias em Quadrinhos, com os principais nomes da pesquisa brasileira, em formato semelhante ao SOCERLID francês (por sinal o modelo estruturalista francês também aparecerá nas pesquisas de Cagnin, Cirne).

> Fundada em 20 de setembro de 1974, após uma proposta no 1º Congresso Universitário de Avaré, São Paulo. Em fase de estruturação, tem sede provisória nos estúdios de Mauricio de Sousa Produções . Entre os membros fundadores, destacam-se Álvaro de Moya, Reinaldo de Oliveira e Jayme Cortez (autores de *Shazam!*); Zilda Augusto Anselmo, a primeira professora universitária do Brasil a obter título de doutor com tese sobre quadrinhos; Prof. Antônio Luiz Cagnin (eleito presidente); Jornalista Luciano Ramos (vice-presidente); Prof. Francisco Araújo, introdutor dos cursos de histórias em quadrinhos na Universidade de Brasília (secretário); Prof.ª Nilva Leda Calixto, organizadora do Congresso de Avaré (2.ª secretária); Sônia Maria Bibe Luyten, professora de quadrinhos da Escola de Comunicações da USP; além dos jornalistas Murilo Felisberto e Orlando Luiz Fassoni. Serão convidados a participar da associação todos aqueles que tenham publicado estudos sobre quadrinhos. Mauricio de Sousa,

[15] Cf. "*the PCA* [...] *espoused a notably anti-academic or at least antielitist line*."

> criador da Mônica, também está ligado à nova instituição na categoria de membro especial, reservada para quem contribui significativamente para o desenvolvimento dos quadrinhos no Brasil. (Cagnin, 1975, p. 229)

Além do desenvolvimento de pesquisas específicas sobre a linguagem e a comunicação na virada para a segunda metade do século XX, há outro componente que vai despertar o interesse por esse objeto de pesquisa: esses pesquisadores fazem parte de gerações em seus países que cresceram com os quadrinhos por toda parte, sobretudo os quadrinhos dirigidos à infância desde o início do século XX. Carneiro (2021) observa, em relação ao próprio amadurecimento estético e temático dos quadrinhos no mesmo período:

> Há uma confluência interessante ali: por um lado, havia essa geração de sujeitos capazes de pensar de forma mais habitual a articulação tão específica dos quadrinhos, por viverem desde cedo imersos nela. Eles já reconheciam e estavam confortáveis diante da visualidade do texto e da narratividade das imagens nessa articulação específica que acontece nas histórias em quadrinhos, em que o verbal e o visual são parte de uma mesma matéria. (Carneiro, 2021, p. 66)

Waldomiro Vergueiro (2017) delineia uma tentativa de sintetizar as múltiplas razões para um pesquisador brasileiro escolher a via acadêmica para estudar as histórias em quadrinhos, distinguindo os "tipos" de pesquisadores em quatro subgrupos, como o entusiasta, o praticante, o convertido, o visitante (*ibid.,* p. 76-80). Apesar de enfatizar que se pode transitar entre esses subgrupos e ter uma espécie de interseção entre eles, essa sistematização organizada pelo pesquisador brasileiro denota certa necessidade de se considerar a relação afetiva do pesquisador com as histórias em quadrinhos.

O primeiro subgrupo, o do "entusiasta" seria o responsável por viabilizar o entendimento da faceta apaixonante da pesquisa acadêmica brasileira sobre histórias em quadrinhos. Os "apaixonados" por quadrinhos seriam os críticos de primeira hora que vão buscar essa legitimidade para seu objeto. Em muitas das pesquisas atuais, ainda é possível identificar a integração desse discurso apaixonante na pesquisa brasileira, em uma perspectiva nostálgica, semelhante, por exemplo, ao discurso da SOCERLID ou, ainda, das primeiras defesas dos quadrinhos (cf. Von Kulitz, 2019, p. 53).

Vergueiro (2017) observa como a pesquisa iniciada por Moya, "muito importante por incentivar e praticamente estabelecer o modelo para toda a produção *diletante* sobre histórias em quadrinhos no Brasil" (*ibid.*, p. 62, grifos nossos), com lastro na vasta produção de boletins (fanzines) e livros jornalísticos, como do já citado Gonçalo Junior.

Ora, boa parte da pesquisa brasileira parte do diletantismo para ocupar as cadeiras universitárias, em que o diálogo constante com pessoas fora do circuito acadêmico vai se dar na forma de produções autorais, de fanzines a blogs, ou até na produção de quadrinhos. Por

exemplo, a editora Marca de Fantasia foi fundada nos anos 1990 pelo professor Henrique Magalhães da Universidade Federal da Paraíba. Doutor com tese sobre fanzines pela Paris VII e orientado no mestrado por Cagnin na USP, Magalhães começou a elaborar seus textos sobre quadrinhos ainda nos anos 1970, na forma dos fanzines que mais tarde ele estudaria. Da mesma forma, Cirne escreve seus primeiros livros já nos anos 1970 mas continuaria a escrever seus boletins por toda a sua vida, migrando do papel para os blogs nos anos 2000 (cf. Souza, 2014). São pesquisas que partem de uma base estruturalista e pós-estruturalista para análises sociais aprofundadas e, mesmo se críticas, extremamente ardorosas.

> Produto de uma época em que certos segmentos das ciências sociais começavam a dar acolhida a esses materiais (na esteira da igual incorporação dos instrumentais de uma nascente semiologia, por seu turno aplicada a esses mesmos materiais de uma cultura popular "de massa"), as ideias de Cirne acerca da 9a Arte refletiam igualmente uma então desejada conjunção entre os rigores de uma análise cerrada nas minúcias textuais da significação desses universos e uma visão crítica das astúcias discursivas nas quais esses engenhos do sentido textual refletiam movimentos de sistemas ideológicos mais profundos — de alguma maneira prolongando aquela mesma linha programática rabiscada, dentre outros, pelo projeto semiológico de Roland Barthes, em *Mythologies*. (Picado *in* Silveira, 2023, p. 104).

Apesar, no entanto, de se ver há alguma constituição de cursos e de acervos naquele período (a gibiteca de Curitiba é fundada em 1982, por exemplo), o discurso "diletante", dos fanzines e das revistas, se sobrepôs à pesquisa na década seguinte. Os jornalistas e escritores Rogério de Campos e Gonçalo Júnior que escreveram livros e artigos com rica pesquisa histórica em torno dos quadrinhos (e iniciaram seu trabalho com fanzines), são alguns que vão começar a ganhar notoriedade também desde o início do novo milênio. A ascensão dos blogs nesse período também vai permitir a uma difusão mais rápida do discurso diletante, diferente da pesquisa com mecanismos próprios e demorados de validação. É também um período em que as publicações brasileiras como um todo começam a entrar em declínio, e o marasmo editorial ajuda a reavivar a nostalgia pelas antigas publicações, mesmo que o formato de zines também tenha entrado em crise (cf. Guimarães, 2020, p. 17-18). A invisibilidade da pesquisa, por sua vez, talvez se deva à diluição da pesquisa brasileira como um todo em meio à ditadura, em que apenas nos anos 2000 se veja uma ampliação de publicações e de grupos de pesquisas no país (cf. figura 1), com a retomada de incentivos governamentais para o fortalecimento da pesquisa no país.

Conforme descreve Ameline (2009), durante os anos 1980-1990 surgem, na França, revistas especializadas de crítica em quadrinhos, como a *Les Cahiers de la bande dessinée* emulando a *Les Cahiers du cinéma*. No entanto, mesmo com um discurso crítico desde sempre funcional, com diferentes perspectivas, pesquisas como a de Thierry Groensteen

só obtêm o reconhecimento acadêmico nos anos 1990[16]. Por um grande acaso, é o período de publicação de duas das obras mais frequentemente citadas em pesquisas acadêmicas, *Understanding comics* de Scott McCloud (1993) e *Comics and sequential arts* de Will Eisner (1990, em sua edição revisada à de 1985). Embora partam de autores não acadêmicos, eles se conjugam à necessidade crescente de aprofundamento metodológico para os estudos dos quadrinhos e, por conseguinte, de um discurso científico. Assim, essas pesquisas se aprofundam em rivalidade com discurso diletante pelo espaço de uma autoridade (porém com paixão mais comedida).

## À GUISA DE CONCLUSÃO: UM OBJETO MÚLTIPLO

Para Jeet Heer e Kent Worcester, nos últimos 20 anos as pesquisas acadêmicas sobre quadrinhos aumentaram consideravelmente em termos de quantidade e qualidade. Segundo os autores, esse aumento proporcionou a transformação da pesquisa a respeito das histórias em quadrinhos de uma área temática para um campo investigativo (Heer; Worcester, 2009, p. xi). Também Hatfield nota o aumento das pesquisas sobre histórias em quadrinhos na virada do século XX para o século XXI; porém, o pesquisador estadunidense chama a atenção para o fato de essa crescente de pesquisas, nas últimas décadas, perpassar uma visão de que os estudos sobre histórias em quadrinhos serem um campo de pesquisa recente.

Na realidade, como observamos, existe uma tradição acadêmica de trabalhos, recorrentemente não lembrada, que se debruçaram sobre as histórias em quadrinhos como objeto de pesquisa desde a primeira metade do século XX. Christiansen e Magnussen (2000) inferem essa percepção de as histórias em quadrinhos só terem recebido uma atenção crítica recentemente como resultado da não integração dos quadrinhos "às 'belas artes"[17], acarretando o não estabelecimento de "escolas teóricas bem definidas"[18], a não formação de "instituições críticas geralmente reconhecidas"[19] e a um descaso com a "avaliação estética"[20] (Christiansen; Magnussen, 2000, p. 7).

Como Éric Maigret (2012) expõe, essa trajetória é uma fórmula constituída por dois discursos, a saber: 1°) um discurso embrenhado em uma lógica "denunciante" que compreende a história em quadrinhos como uma leitura infantil e a considera uma mídia indigna de ser designada como arte por ser vulgar e alienar a massa; 2°) um discurso "ativista" da história em quadrinhos que se empenhou em realizar uma desistorização dos quadrinhos e construir o objeto como uma forma de arte que remontaria à arte rupestre, à pintura cerimonial na

[16] A tese do *sistema* de Groensteen data de 1996; a da grafiação de Philippe Marion foi publicada em 1993.
[17] Tradução de: "not considered as belonging to the 'fine arts'".
[18] Tradução de: "the lack of well-defined theoretical schools".
[19] Tradução de: "no generally-acknowledged critical institutions have been established".
[20] Tradução de: "only little interest in aesthetic appraisal of comics".

tumba de Menna (tumba TT69), aos códices maias ou à tapeçaria de Bayeux, com o intuito de estabelecer os quadrinhos como uma *nona arte*. Além dessa perspectiva, o discurso "ativista" (ou, como preferimos, *apologético*) também celebra as histórias em quadrinhos como uma forma de rememorar a infância, como uma cultura popular autêntica, e essa conduta ecoa elementos do discurso "denunciante" (*ibid.*, 2012). A partir das argumentações de Charles Hatfield (2017), Jeet Heer e Kent Worcester (2009), Waldomiro Vergueiro (2017) e Hans-Christian Christiansen e Anne Magnussen (2000) elencadas acima, percebe-se que os pesquisadores frisam a existência de uma história acadêmica de um discurso crítico sobre as histórias em quadrinhos. No entanto, ao mesmo tempo, nota-se uma espécie de lamúria a respeito dos motivos de os estudos sobre quadrinhos terem sua trajetória crítica-acadêmica desconsiderada ou desconhecida, cuja legitimação é "um pesadelo que assombrou e assombra ainda grande parte dos professores, pesquisadores e estudantes que se aventuram a tratar as histórias em quadrinhos em ambientes acadêmicos e escolares" (Vergueiro, 2017, p. 12).

Ao analisar os argumentos dos pesquisadores sobre as causas da percepção dos estudos sobre histórias em quadrinhos como um campo estabelecido nas últimas décadas, à luz da exposição de Éric Maigret (2012), pode-se inquirir que Hatfield (2017), Heer e Worcester (2009), Vergueiro (2017) e Christiansen e Magnussen (2000) realizam um discurso "ativista" ao elencarem os motivos para demonstrar o valor das histórias em quadrinhos como um objeto de pesquisa relevante.

Maigret (Maigret; Stefanelli, 2012) compreende ainda o surgimento de um terceiro discurso na Europa, a partir dos anos 2000, denominado de "construtivista", que recusa as restrições dos discursos "denunciante" e "ativista". Para o pesquisador francês, o discurso "construtivista" incorpora os debates do campo da História, das Ciências Sociais, da Literatura e da Psicologia, proporcionando uma ampla gama de possibilidades para as pesquisas acadêmicas sobre quadrinhos (Maigret, 2012). A crítica e a pesquisa não deveriam ter medo de demonstrar alguns efeitos negativos advindos, por exemplo, da ideologia impressa em objetos que, em sua maioria, constituem elementos da comunicação de massa – gostaríamos de lembrar que há quadrinhos que também tentam empreender a fuga à ideologia, contestatórios no discurso ou em sua forma (cf. Carneiro, 2018). A verdade é que os quadrinhos são discursos múltiplos e não precisam ser defendidos por ninguém. Eles não são um objeto monolítico e não precisam pertencer a um campo único de pesquisa. E, para um maior desenvolvimento de seu campo específico, devem se submeter ao escrutínio da crítica – jornalística ou acadêmica – para que possam ser revistos, reposicionados, quiçá auditados.

A pesquisa existente hoje está incluída em diferentes áreas e campos, posto que é um objeto multifacetado e permite diferentes perspectivas críticas, como Cagnin (1975) imaginava

em sua dissertação[21]. Há um a teoria do quadrinho em curso, com alguns autores que servem como referências basilares para pessoas de qualquer campo que queira se debrular sobre os quadrinhos – pode-se lamentar, porém, que os sessenta anos de pesquisa são em geral obliterados pelos paradigmas estadunidenses Eisner e McCloud, que trouxeram mais foco à forma (Von Kulitz, 2024, p. 24-28). As próprias definições trazidas por esses autores, largamente repetidas, implicam uma compreensão acrítica da mídia, em que definições abrangentes por demais acabam por apontar um desconhecimento de outros campos artísticos – como já dissemos, a sequencialidade é inerente a todas as artes narrativas, para ficar em um exemplo (Carneiro, *in* Silveira, 2023). Talvez o que seja necessário é um pouco mais de criticidade em se tencionar as especificidades do quadrinho como linguagem.

As histórias em quadrinhos não prescindem de um campo, mas sim garantem possibilidades de análises para diferentes campos. A partir da análise de algumas publicações recentes, por sinal, Ivan Lima Gomes (2020) também nota a existência desse campo: o *comics studies*.

> Trata-se de área bastante diversificada, pois permite o diálogo crítico entre estudiosos independentes e pesquisadores bem estabelecidos na academia; disciplinas como história, estudos de mídia, artes visuais, filosofia e teoria literária, entre outras; e revistas e editoras acadêmicas consagradas —que cada vez mais abrem espaço para artigos provenientes de pesquisas em torno das HQs— ao lado de uma série de periódicos acadêmicos dedicados exclusivamente à pesquisa sobre HQs. Listá-los seria tarefa exaustiva, mas uma sondagem rápida permite destacar os seguintes títulos: I*mageText, Comicalités, Scandinavian Journal of Comic Art, International Journal of Comic Art, European Journal of Comic Art, Comics Grid e Journal of Graphic Novels and Comics*. (Gomes, 2020, p. 192)

Ao realizarmos uma busca (em janeiro de 2026) referente aos três primeiros anos da década de 2020, no banco de dados Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando a palavra-chave: História em Quadrinhos, encontramos catalogada uma produção de 223 dissertações sobre história em quadrinhos, realizadas em 91 programas de pós-graduação brasileiros. Essas dissertações foram realizadas em campos distintos, como: Antropologia, Artes, História, Medicina, Ciência da Computação, Letras, Arquitetura e Urbanismo, Enfermagem e Educação Física. Talvez, de Cirne, Cagnin, a Groensteen, passando pelo trabalho de pesquisadores atuantes como Paulo Ramos, a pesquisa específica sobre linguagem dos quadrinhos ainda careça de aprofundamento e de desenvolvimento (ver Figueira, 2017).

Essa "diversidade" atestaria uma "indisciplina" para esse dito campo (Gomes, 2020, p. 193). Ora, se algum objeto de estudo já foi plenamente domado pela pesquisa, não existiria mais necessidade de pesquisa e pesquisadores. Contudo, como observamos a partir de Eagleton, essa "indisciplina" ou, melhor dizendo, essa *transdisciplinaridade* não é traço específico dos quadrinhos. O quadrinho

[21] Perspectivas literárias, históricas, psicológicas, sociológicas, didáticas, estético-psicológicas, de valores, publicitárias (Cagnin, 1975, p. 21-22).

não é *indisciplinar* pois não é ele em si o campo científico, mas o objeto atravessado por diferentes perspectivas teóricas e áreas. Também a literatura, o cinema, as artes visuais não são estudados apenas pelas áreas que dedicam-se a eles com mais afinco, e toda arte é matéria para diferentes estudos de diferentes campos. E talvez, em vez de ensimesmar-se, a pesquisa dos quadrinhos pudesse crescer ao experimentar-se para além do nicho do amador especializado.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, José. **Narrativas Gráficas Curitibanas: 210 Anos de Charges, Cartuns e Quadrinhos.** Paraná: Biblioteca Pública do Paraná, 2021. Disponível em: https://www.bpp.pr.gov.br/Noticia/BPP-lanca-livro-sobre-historia-da-producao-curitibana-de-charges-cartuns-e-quadrinhos. Acesso em: 04 jun. 2026.

AMELINE, C. Généalogie d'un interdiscours sur la bande dessinée. **Du9**. 2009. Disponível em: https://www.du9.org/dossier/genealogie-d-un-interdiscours-sur. Acesso em: 28 jan. 2026.

ANSELMO, Zilda Augusta. **Histórias em quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1975.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editoro UNESP, 2004.

BRASIL. Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação. **CAPES**, Brasília, 24 de out. de 2022. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/instrumentos/documentos-de-apoio/tabela-de-areas-de-conhecimento-avaliacao. Acesso em: 03 jun. 2026.

CAGNIN, Antônio Luiz. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.

CALLARI, Victor; GENTIL, Karoline K. As pesquisas sobre quadrinhos nas universidades brasileiras: uma análise estatística do panorama geral entre os historiadores. história, histórias. **Revista do Programa de Pós-Graduação em História-UNB**, v. 4, n. 7, p. 9-23, 2016.

CARNEIRO, Maria Clara S. R. Contra a BD: a nouvelle bande dessinée e sua fuga da cultura de massa. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 20, n. 1, p. 125-133, 2018. Disponível em: doi: 10.4013/fem.2018.201.11 Acessado em: 29 jan. 2026.

CARNEIRO, Maria Clara S. R. O corpo em tiras: ficções e autoficções transgêneras nas tiras de Laerte Coutinho. **Revista Brasileira de Literatura**

**Comparada**, v. 23, n. 44, p. 62-77, 2021. Disponível em: doi: https://doi.org/10.1590/2596304x20212344mcsrc. Acesso em: 28 jan. 2026.

CARNEIRO, Maria Clara S. R. A crítica: modo de usar. **Antílope**, São Paulo, 2013, p. 29-35.

CARVALHO, André Pereira de. O campo dos quadrinhos no Brasil sob a ótica bourdieusiana. **Anais das 2as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: https://anais2ajornada.eca.usp.br/anais2asjornadas/anais/3%20-%20ARTIGO%20-%20ANDRE%20PEREIRA%20DE%20CARVALHO%20-%20HQ%20E%20SOCIEDADE.pdf. Acesso em: 27 jan. 2026.

CARUSO, Francisco; SILVEIRA, Cristina. Quadrinhos para a cidadania. História Ciências Saúde-Manguinhos, v.16, n.1, p.217-236, 2009. **Catálogo de Teses e Dissertações**. Disponível em: https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/. Acesso em: 02 mar. 2026.

CHICO, Márcia Tavares. Uma proposta de metodologia para a análise de histórias em quadrinhos. **Cadernos UniFOA**, n. 43, p. 121-131, 2020.

CHINEN, Nobu. Reinterpretando Wertham. Influência de *Seduction of the innocent* nos estudos de quadrinhos no brasil. **Anais das 2as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos**. São Paulo - Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: https://anais2ajornada.eca.usp.br/anais2asjornadas/anais/10%20-%20ARTIGO%20-%20NOBU%20CHINEN%20-%20HQ%20E%20HISTORIA.pdf. Acesso em: 27 jan. 2026.

CIRNE, Moacy. **Bum! - a explosão criativa em quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1970.

COUPERIE, Pierre *et al*. **Bande dessinée et figuration narrative. Histoire, esthétique, production et sociologie de la bande dessinée mondiale, procédés narratifs et structure de l'image dans la peinture contemporaine***.* Paris: Musée des Arts Decoratifs/Palais du Louvre, 1967.

COUPERIE, Pierre *et al*. **História em quadrinhos & comunicação de massa**. Museu de Arte de São Paulo "Assis Chateaubriand", 1970.

CHRISTIANSEN, Hans-Christian; MAGNUSSEN, Anne. Introduction. In: CHRISTIANSEN, Hans-Christian; MAGNUSSEN, Anne (Orgs.). **Analytical and Theoretical Approaches to Comics**. Copenhagen: Museum Tusculanum Press/University of Copenhagen, 2000, p. 7-25.

DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. **Para ler o Pato Donald**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FIGUEIRA, Diego A. A. G. A noção de linguagem em estudos sobre histórias em quadrinhos no Brasil. **Anais das 4as jornadas internacionais em histórias em quadrinhos - Escola de Comunicações e Arte da USP**. São Paulo, 2017. Disponível em: https://anais2ajornada.eca.usp.br/anais4asjornadas/q_l_generos/diego_figueira.pdf. Acesso em: 27 jan. 2026.

GOMES, Ivan Lima. Histórias em quadrinhos: Um balanço bibliográfico desde a América Latina. **Latin American Research Review**, v. 55, n. 1, p. 192–198, 2020.

GROENSTEEN, Thierry. **Un objet culturel non identifié**. Angoulême: Éditions de l'An 2, 2006.

HANEK, Clara. Coleção resgata a trajetória de pesquisadoras brasileiras na comunicação. **Jornal da USP***,* 26 de janeiro de 2026. Disponível em: https://jornal.usp.br/cultura/colecao-resgata-a-trajetoria-de-pesquisadoras-brasileiras-na-comunicacao/. Acesso em: 29 jan. 2026.

HATFIELD, Charles. Foreword: Comics Studies, the Anti-Discipline. In: SMITH, Matthew; DUNCAN, Randy (Orgs.). **The Secret Origins of Comics Studies**. New York: Routledge, 2017, edição EPUB.

GUIMARÃES, Edgard. **Fanzine***.* Edição digital. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2020.

JUNIOR, Amaro Xavier Braga; VALENTIM, Moisés Xavier Guimarães. O ensino de física a partir dos quadrinhos do Homem Aranha. **Revista Intersaberes**, v. 15, n. 36, p. 720–736, 2020.

JUNIOR, Gonçalo. **Guerra dos gibis**. São Paulo: Conrad, 2023.

LENINE, Enzo; CUNHA, J. Lucas. Quadrinhos de guerra e olhar colonial: teorizando o visual nas Relações Internacionais. **Desafíos**, v. 37, n. 2, p. 1-29, 2025.

MAIGRET, Éric. Introduction: Un tournant constructiviste. In: MAIGRET, Éric; STEFANELLI, Matteo (Orgs.). **La bande dessinée: une médiaculture***.* Paris: Armand Colin, 2012, edição EPUB.

MOYA, Álvaro de. **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1970.

QUELUZ, Marilda L. P. **Traços urbanos: a caricatura em Curitiba no início do século XX**. 2002. 189 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

SILVA, Nadilson M. da. Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos. **INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação**. Campo Grande, p. 1-15, 2001.

SILVEIRA *et al*. **Hmmm: paixão criativa de Moacy Cirne**. Londrina: Selo Risco Impresso, 2023, p. 101-118.

SIMÕES, Alex Caldas. Um novo conceito de quadrinhos: as histórias em quadrinhos como um sistema semiótico particular. **Memorare**, v. 7, n. 1, p. 99-115, 2020

SOUZA, Alex de. **Moacy Cirne: paixão e sedução pelos quadrinhos***.* Natal: Sebo Vermelho edições, 2014.

SPEYER, W. S. Jonas. "O Grande Inimigo Das Letras: A 'História Em Quadrinhos.'" **Revista de Letras**, v. 2, 1961, pp. 202–31. Disponível em*:* http://www.jstor.org/stable/27665881. Acesso em: 27 jan. 2026.

STEFANELLI, Matteo. Un siècle de recherches sur la bande dessinée. MAIGRET, Éric; STEFANELLI, Matteo (Orgs.). **La bande dessinée: une médiaculture**. Paris: Armand Colin, 2012, edição EPUB.

VARGAS, Alexandre Linck. Os quadrinhos são outros, ou como a HQ moderna se origina e diferencia no quadro histórico de 1968. **Crítica Cultural**, v. 13, n. 1, p. 85-98, 2018.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Pesquisa acadêmica em histórias em quadrinhos***.* São Paulo: Criativo, 2017.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobu (orgs.). **Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Criativo, 2013.

VON KULITZ, Layssa Bauer. A disputa sobre os quadrinhos: infância, arte e censura na imprensa brasileira. **Teoria e Cultura**, v. 14, n. 1: "Os sentidos da crítica de arte na imprensa brasileira (1950-2000)" e "Municípios e representação política no nível local na América do Sul". Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF, junho de 2019. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/25907. Acesso em: 02 jun. 2026.

VON KULITZ, Layssa Bauer. **As exposições de quadrinhos em museus de arte moderna no Brasil**. (2024. 348f.) Tese (Doutorado em Sociologia Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

## Sobre o autor:

**Maria Clara da Silva Ramos Carneiro**

Possui Licenciatura (2010) e Bacharelado (2005) em Letras Português-Francês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado em Letras Neolatinas (2007) e doutorado em Letras, na área de Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura (2015) pela mesma universidade, com doutorado sanduíche pela na Universidade de Paris-Sorbonne IV.
https://orcid.org/0000-0003-2332-1109 • maria.c.carneiro@ufsm.br

**Lucas Ferreira Vieira**

Doutorando e mestre no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Licenciado e Bacharel em História pela Universidade Federal Fluminense - Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional/Campos dos Goytacazes.
https://orcid.org/0000-0001-9879-6921 • lferreiravieira@yahoo.com.br

## Conflito de Interesse

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

## Verificação de Plágio

A revista mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como Turnitin.

## Editores convidados

Maria Clara da Silva Ramos Carneiro

Lielson Zeni

Valter do Carmo Moreira

## Editor - chefe

Régis Augustus Bars Closel

## Como citar este artigo

CARNEIRO, M. C. da S. R; VIEIRA, L. F. Um panorama sobre o desenvolvimento do campo de estudos sobre as histórias em quadrinhos. **Letras**, v. 35, n. 74, e95617, 2026. DOI: 10.5902/2316882X95617. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/95617. Acesso em: XX/XX/XXXX